

**Saúde e Teoria da Reprodução Social no pensamento de Tithi Bhattacharya.**

**Health and Social Reproduction Theory in the thought of Tithi Bhattacharya.**

**Salud y Teoría de la Reproducción Social en el pensamiento de Tithi Bhattacharya.**

**Millary Christian Cândido Nunes:** Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Saúde Pública – FSP. São Paulo, SP, Brasil. ORCID: 0009-0007-8828-5520.

**Áquilas Nogueira Mendes:** Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Saúde Pública – FSP. São Paulo, SP, Brasil. ORCID: 0000-0002-5632-4333.

## **RESUMO**

A Teoria da Reprodução Social (TRS) examina as atividades que são pré-condições fundamentais para a sociedade humana e para a própria produção capitalista, demonstrando que a divisão do trabalho, na ordem capitalista, articula as demais relações possíveis na sociedade. Ao se pensar nas questões estruturais de gênero, classe e raça, vemos que o capitalismo impõe condições extremamente adversas à mulher. O sustento do racismo e do patriarcado também organizam historicamente instituições e práticas de reprodução social para reduzir os custos da reprodução social da classe trabalhadora. Entre as diversas autoras que discutem a TRS, encontra-se a indiana, historiadora e professora Tithi Bhattacharya, referência fundamental nessa discussão. Trata-se de um estudo de revisão crítica do pensamento de Tithi Bhattacharya para compreender sua produção científica sobre a Teoria da Reprodução Social e sua relação com a saúde. Neste sentido, parte-se da seguinte pergunta de pesquisa: “De que maneira a produção científica de Tithi Bhattacharya discute a saúde no âmbito da Teoria da Reprodução Social?” Para coletar os dados, optamos por trabalhar nesta revisão crítica com três (3) repositórios científicos: a) o Portal Google Acadêmico; b) o Portal CAPES e, c) o site pessoal da autora. A seleção foi descrita por meio da construção de um fluxograma PRISMA. A análise das publicações está estruturada em um quadro síntese com as dimensões da abordagem sobre a TRS e a relação entre a TRS e a saúde referentes a 8 publicações. Ao analisar o quadro síntese, optou-se por dividir os resultados e discussões em

8 tópicos, que nos permite visualizar a saúde como uma necessidade da manutenção da classe trabalhadora e como a oferta de serviços de saúde influencia essa manutenção de sobrevivência.

## **ABSTRACT**

The Social Reproduction Theory (SRT) examines the activities that are fundamental prerequisites for human society and capitalist production itself, demonstrating that the division of labor in the capitalist order articulates other possible relations in society. When considering the structural issues of gender, class, and race, we see that capitalism imposes extremely adverse conditions on women. The sustenance of racism and patriarchy also historically organized institutions and practices of social reproduction to reduce the costs of the social reproduction of the working class. Among the various authors discussing SRT is the Indian historian and professor Tithi Bhattacharya, a fundamental reference in this discussion. This is a critical review study of Tithi Bhattacharya's thought to understand her scientific production on the Theory of Social Reproduction and its relation to health. In this sense, the research starts with the following question: "How does Tithi Bhattacharya's scientific production discuss health within the scope of the Theory of Social Reproduction?" To collect the data, we chose to work in this critical review with three (3) scientific repositories: a) Google Scholar Portal; b) CAPES Portal; and c) the author's personal website. The selection was described through the construction of a PRISMA flowchart. The analysis of the publications is structured in a summary table with the dimensions of the approach to TSR and the relationship between TSR and health concerning 8 publications. When analyzing the summary table, it was decided to divide the results and discussions into 8 topics, allowing us to visualize health as a necessity for the maintenance of the working class and how the provision of health services influences this maintenance of survival.

**Descritores:** Teoria da Reprodução Social; Saúde; Tithi Bhattacharya

**Palabras-claves:** Teoría de la reproducción social; Salud; Tithi Bhattacharya

**Keywords:** Social reproduction theory; Health; Tithi Bhattacharya

## INTRODUÇÃO

Tithi Bhattacharya, nasceu na Índia, é historiadora, professora de história sul asiática, diretora de estudos globais na Universidade Purdue nos Estados Unidos e militante. É referência na discussão da Teoria da Reprodução Social (TRS) e em paralelo traça debates sobre feminismos, e outros temas de interesse como a luta da Palestina. Bhattacharya é a autora na qual nos debruçamos nesta pesquisa. É fundamental destacar a importância de uma mulher ser referência na área do tema junto com demais pesquisadoras, por ser um tema que coloca em debate o papel de gênero da mulher dentro da organização do sistema. Nesta pesquisa pretendemos entender seu pensamento para discutir a saúde.

A teoria da reprodução social analisa de que maneira e quais os impactos de entender a produção de bens e a produção da vida de forma integrada<sup>1</sup>, ou seja, as atividades que são pré condições fundamentais para a sociedade humana e para a própria produção capitalista mostrando que a divisão do trabalho, de ordem capitalista, articula todas as demais relações possíveis na sociedade<sup>2</sup>.

Para aprofundar a ideia é importante a compreensão de alguns conceitos como a produção, discutida em O Capital de Marx. A produção é discutida na teoria econômica onde Marx argumentava que o valor de uma mercadoria não é determinado pelo seu custo de produção, mas sim pelo trabalho socialmente necessário para produzi-la (força de trabalho)<sup>3</sup>. Ao se distinguir o valor de uso, ou seja, a utilidade de uma mercadoria e o valor de troca, a quantidade de outra mercadoria pela qual ela pode ser trocada que é determinado pela quantidade de trabalho socialmente necessário para produzi-la<sup>3</sup>.

Outras discussões que Marx apresenta são seus estudos das estruturas sociais e econômicas que perpetuam e reproduzem as relações de classe no capitalismo. Ele analisou como as relações de produção capitalistas, baseadas na exploração da força de trabalho pelo capital, são perpetuadas ao longo do tempo. Aponta que o capitalismo se reproduz não apenas pela produção de mercadorias para o consumo, mas também pelo reinvestimento dos lucros para expandir a produção e acumular mais capital<sup>3</sup>. Esse processo de reprodução ampliada do capital sustenta e perpetua as relações de classe e a exploração da força de trabalho, onde destaca a importância das instituições sociais, como a família, a educação e o Estado, na reprodução das relações sociais existentes.

Tais discussões a respeito do sistema capitalista, são tão antigas quanto o próprio sistema que nos empurra para suas críticas. Cientistas sociais, historiadores, cientistas econômico, entre outros, se apoiaram no método e discussões de Marx para aprofundar outras discussões. Por sua vez, nessa pesquisa desviamos principalmente para cientistas como Lise Vogel no campo da economia feminista marxista que discute as formas de opressão do capital estrutural, principalmente nas questões estruturais de gênero, classe e raça.

Ao se pensar nas questões estruturais de gênero, classe e raça, vemos que o capitalismo impõe condições extremamente adversas à mulher<sup>4</sup>, que levou a cenários como o Caça às Bruxas em período em que elas estavam em processo de controle maior sobre seus corpos e reprodução<sup>5</sup> e na mesma linha, Góis<sup>6</sup> traz que o que sustenta o racismo e patriarcado:

...organizam historicamente instituições e práticas de reprodução social para reduzir os custos da reprodução social da classe trabalhadora, explorando trabalhos de forma gratuita e garantir uma massa de trabalhadores sem emprego e marginalizados, em condições precárias de reprodução, obrigados a aceitar péssimas condições de trabalho e de remuneração. <sup>6(p.3)</sup>

Desse modo, as necessidades sociais da classe trabalhadora como boas escolas, habitação e condições dignas de emprego são essenciais para a sua reprodução social e são também um esforço da classe para reivindicar a sua parte na civilização, entendida também como a luta de classes<sup>7</sup>.

Tais entendimentos permitem discutir e pensar, por exemplo, conforme Gonzáles afirma, na realidade da mulher negra no Brasil, de ser objeto de tripla discriminação <sup>8, 9</sup>, uma vez que ela enquanto empregada doméstica, sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da inferioridade que lhe seriam peculiares além da dupla/tripla jornada que enfrenta<sup>10</sup>.

A teoria explica questões como a desigualdade contida na reprodução e na produção e como uma intervém na outra, influenciando em questões como salários baixos, cortes neoliberais, despejos e violência doméstica<sup>11</sup>. O capitalismo descaracteriza as atividades que não são realizadas

diretamente no processo de produção de mercadorias, o que explica também a desvalorização do trabalho reprodutivo e a desvalorização da posição social da mulher<sup>5</sup>. O capitalismo não se sustenta apenas sobre o trabalho assalariado, mas desenvolve um sistema que articula, de forma desigual e combinada, formas distintas de trabalho<sup>6</sup>.

Nas sociedades capitalistas, o fardo do componente não remunerado do trabalho necessário repousa desproporcionalmente sobre as mulheres ao mesmo tempo em que o fornecimento de mercadorias tende a ser de responsabilidade dos homens, cumprido pela participação no trabalho assalariado, esse acontecimento não é uma decorrência natural característica dos trabalhos realizados, mas se constrói enquanto um aspecto de dominação política<sup>6</sup>. Sendo assim, o trabalho reprodutivo compete com o capital em sua intenção de acumulação<sup>12</sup>.

O local historicamente mais durável para a reprodução da força de trabalho é o que chamamos de família. É nesta que ocorre o cuidado físico, o abrigo, alimentação e demais necessidades que garantem que o trabalhador volte ao trabalho no dia seguinte. Na realidade, essas tarefas são significativamente mais realizadas pelas mulheres, que acabam também as oprimindo<sup>7</sup>.

Tais levantamentos nos faz refletir sobre como nós enquanto sociedade nos estruturamos, sobre nossas necessidades sociais que diferem de acordo com o trabalho e quais as necessidades sociais comuns? Como pensamos o papel do Estado em organizar e garantir algumas dessas necessidades?

Tendo essas ideias apresentadas, Bhattacharya por meio da TRS verifica diversas questões da sociedade, analisando de que forma perpetuamos a produção da vida e o próprio sistema, dado o nome de reprodução.

Nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho é identificar a produção científica de Tithi Bhattacharya a respeito da teoria da reprodução social e a sua relação com a saúde, a partir do desenvolvimento de uma revisão da literatura. Para tanto, o trabalho está organizado em duas seções, além desta introdução e as considerações finais. A primeira seção apresenta os aspectos metodológicos desenvolvidos. A segunda seção aborda os principais resultados das publicações de Tithi Bhattacharya, acompanhados de sua discussão.

## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento da revisão, optamos por trabalhar com três (3) repositórios científicos: a) o Portal Google Acadêmico; b) o Portal CAPES e, c) o site pessoal de Tithi

Bhattacharya. No dois Portais foram testados os descritores, “Saúde”, “Tithi Bhattacharya” e “Teoria da Reprodução Social”, sendo feito também o cruzamento desses.

Devido a finalidade de encontrar o maior número de publicações da autora com discussões do tema proposto, optou-se, nos dois Portais, em selecionar os conteúdos, com exceção das citações, com o filtro de autor/criador pelo seu nome “Tithi Bhattacharya”. Desse modo, obtivemos no Google Acadêmico 39 publicações e no Portal CAPES, 33. Já em seu site autoral, o filtro de busca não seleciona os conteúdos da mesma maneira, devido a isso, optou-se por selecionar todo seu material do site, num total de 37 publicações. Desse modo, totalizaram 109 publicações, conforme indicado no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1: Relação dos Repositórios científicos pesquisados, segundo número de publicações encontradas

<b>Repositórios Científicos</b>	<b>Número de publicações</b>
Google acadêmico	39
Portal CAPES	33
Site pessoal da autora revisada	37
<b>Total</b>	<b>109</b>

Do total das 109 publicações, primeiramente, foram excluídas as publicações de outros autores que não a Tithi Bhattacharya, correspondendo a 16 títulos (ver Figura 1).

Em seguida, foram removidas as publicações repetidas que totalizam 36. Sendo assim restaram 57 publicações. Em momento posterior, para que permanecessem as publicações científicas (artigos e livros) foram excluídas 31 publicações por serem conteúdo de jornal online (25), post em blog (3), entrevista (2) e divulgação seminário (1), restando 26 publicações.

A seguir, promovemos a leitura dos títulos das publicações. Nesta etapa, foram excluídos 11 títulos que não contemplam conteúdos acerca da temática da TRS, como tópicos relacionados com cultura, classe, gênero, raça,<sup>13</sup> produção e discussão histórica/crítica de um espaço/tempo. Desse modo, restaram 15 publicações. Em seguida, passamos à leitura dos resumos das publicações, sendo removidas 5. Essas foram excluídas por não conterem uma discussão sobre cultura ou uma análise de determinado contexto histórico que se relacione com a TRS. Desse modo, restaram 10 publicações. A seguir, descartamos 1 publicação por não estar disponível o

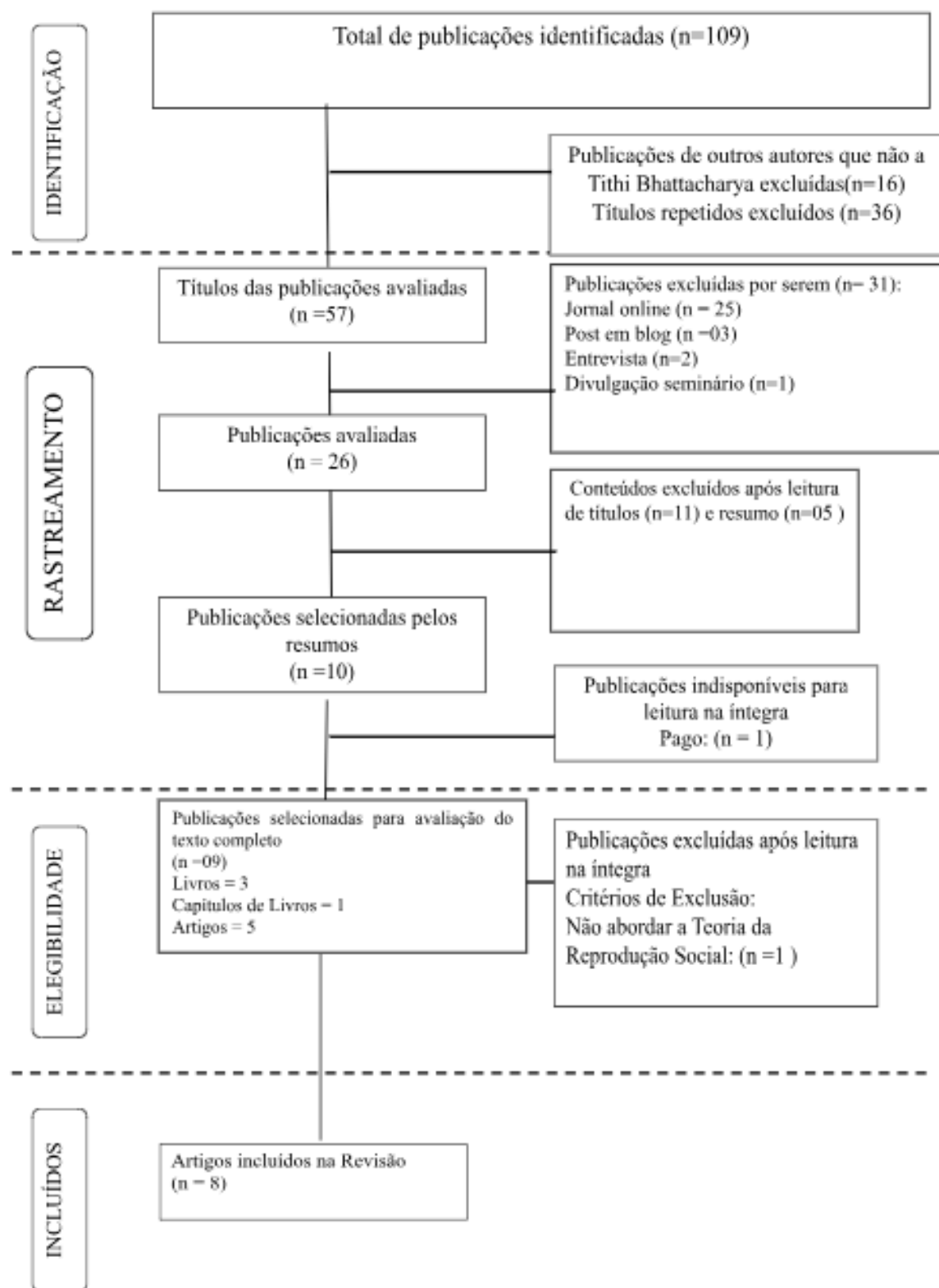
seu acesso público. Assim, restaram ao todo 9 títulos considerados incluídos nessa Revisão, sendo: 5 artigos, 1 capítulo de Livro e 3 Livros.

Ainda, dentre as 09 publicações foi descartado o livro “The Sentinels of Culture: Class, Education and the Colonial Intellectual in Bengal, 1848-85.”<sup>14</sup> . Isso porque, ainda que apresente discussões no âmbito da TRS, seu foco maior é na na educação em Bengala Ocidental, entendendo-a como uma ferramenta para moldar e controlar a sociedade indiana, com ênfase nas políticas educacionais que foram empregadas para reforçar a hegemonia colonial e as hierarquias de classe.

Assim, é possível visualizar exemplos da TRS durante a leitura sem abordar a teoria, com diversas discussões apontadas em outras obras da autora como a alimentação para sustentar o trabalho; o trabalho versus o tempo e sobre a mudança familiar relacionada ao trabalho, com os homens deixando as aldeias e suas famílias para ir à Calcutá, por exemplo.

Com a exclusão desse livro restaram 8 publicações consideradas incluídas para o desenvolvimento desta revisão.

**Figura 1.** Fluxograma PRISMA do processo de seleção das publicações incluídas na revisão



## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A revisão aglutinou um total de 8 publicações lidas na íntegra, todas disponíveis em plataformas de acesso aberto. As publicações foram organizadas no Quadro síntese 2, que identifica os autores, ano de publicação, objetivos e os principais pontos levantados a partir das categorias de análise. Essas dizem respeito a duas abordagens: “abordagem sobre a TRS” e “abordagem sobre saúde na TRS”.

Em nenhum dos materiais lidos a autora abordou o conceito de saúde isolado, apenas pela perspectiva da TRS. Sua análise sobre a saúde é focalizada como um dos itens que compõem as necessidades do trabalhador, essenciais para a reprodução. Também analisa os trabalhadores da saúde, mostrando o aspecto do trabalho remunerado e não remunerado do cuidado, que recai, majoritariamente, nas mulheres negras.

Cabe, ainda, informar que todas as publicações da autora foram classificadas como ensaios críticos.

**Quadro-Síntese 2: Relação das publicações segundo autor, ano de publicação, metodologia, objetivos, tipo e abordagens sobre a TRS e sobre a temática da saúde na TRS.**

Autor/Ano	Metodologia	Objetivo	Tipo	Abordagem sobre a TRS	Abordagem sobre saúde na TRS
Bhattacharya, 2014 <sup>1</sup>	Ensaio crítico	Discute como as políticas neoliberais e a ideologia correspondente afetam as relações de gênero	Livro	Na economia política marxista, a reprodução social é essencial, pois mostra que a produção de bens e serviços e a manutenção da vida são partes integradas de um mesmo processo de produção e reprodução do capital. Na sociedade capitalista, a maioria das pessoas combina trabalho assalariado e trabalho doméstico não remunerado para sobreviver e sustentar suas famílias. Há uma tensão constante entre a exploração do trabalho pelos capitalistas e os esforços dos trabalhadores para obter melhores salários e condições de vida.	A saúde é destacada como um dos serviços socializados necessários à manutenção da vida humana e digna, junto com educação, creches, pensões e transportes públicos. Uma crise financeira impacta a saúde mental de diversas formas contribuindo significativamente para a ascensão da violência íntima entre parceiros, a perda de um abrigo seguro, elemento básico da reprodução dos corpos dos trabalhadores. A crise financeira também causou um aumento na violência de gênero e na depressão masculina. Homens culturalmente assumem o papel de principal provedor, e a incapacidade de cumprir esse papel aumentou os riscos de depressão. O dismantelamento dos apoios institucionais públicos à reprodução social resultou na transferência dessas responsabilidades para as famílias ou na privatização desses serviços. Isso tornou serviços essenciais como saúde inacessíveis para a maioria.

<p>Arruzza, C. e; Bhattacharya, T. 2020<sup>15</sup></p>	<p>Ensaio crítico</p>	<p>Resgata a Teoria da Reprodução Social para justificar um feminismo marxista contemporâneo debatendo sobre as relações entre produção e reprodução, qual o papel da família, como pensar a sexualidade e os direitos reprodutivos e como os processos de desapropriação neoliberal podem ser lidos em termos da reprodução social.</p>	<p>Artigo</p>	<p>As pessoas vendem sua força de trabalho para viver, não apenas para obter salários. A TRS indica que o trabalho reprodutivo é realizado predominantemente por mulheres e corpos feminizados. O racismo é utilizado pelo capital para dividir os trabalhadores e aumentar a competição entre eles. O processo de produção de pessoas e bens é dinâmico e historicamente variável, podemos verificar pela forma que o capital historicamente interveio diretamente na reprodução, como no caso da escravidão, onde mulheres escravas eram estupradas para reproduzir força de trabalho. A racialização ajuda a manter baixos salários e controlar a população, mas o capitalismo ainda precisa da força de trabalho das pessoas racializadas.</p>	<p>A TRS destaca que a reprodução social ocorre tanto na família quanto na esfera pública, incluindo serviços públicos essenciais como saúde, educação, água potável e ar limpo, que são frequentemente atacados por políticas neoliberais. Estes elementos são fundamentais para o crescimento saudável das crianças e da manutenção da vida do trabalhador. Os cortes nos serviços públicos afetam diretamente a saúde, até mesmo a saúde reprodutiva das mulheres pobres, limitando seu acesso ao aborto (em localidades onde o aborto é legalizado) e ao planejamento familiar. A redução dos investimentos na reprodução da força de trabalho pelo capital resulta em diferentes tipos de sofrimento e objetificação dos trabalhadores. O capital sempre busca minimizar os custos, inclusive na saúde pública, educação e outros serviços essenciais. A TRS enfatiza a importância das condições necessárias para a decisão de ter filhos, incluindo acesso a um sistema de saúde adequado, emprego estável, educação pública gratuita e um ambiente seguro para o parto, segurança na vizinhança, políticas de encarceramento, status de imigração, tanto da pessoa como da outra, se houver outra envolvida no processo. Todos esses fatores estão intimamente ligados à decisão de uma mulher sobre ter ou não ter filhos, incluindo a realização ou não de um aborto.</p>
--	-----------------------	--	---------------	--	---

Bhattacharya, T. 2017 <sup>16</sup>	Ensaio crítico	Discute pela ótica da teoria da reprodução social as diferentes relações sociais focando na "classe trabalhadora".	Livro	<p>A TRS revela que o trabalho humano, e não a mercadoria, é a essência do capitalismo. O trabalho reprodutivo nas famílias, escolas, hospitais e prisões é fundamental para a acumulação de capital.</p> <p>A TRS mostra que a produção de bens e a produção da vida são processos integrados. A produção econômica capitalista não é autossustentável e depende da reprodução social. Esta interdependência é racializada e generificada, com diferentes grupos desempenhando papéis distintos na força de trabalho</p> <p>A TRS explora a interrelação entre exploração (classe) e opressão (gênero e raça), mostrando como estas se entrelaçam nas relações capitalistas, reproduzidas sistematicamente para manter a opressão.</p> <p>O capitalismo depende da reprodução social, realizada majoritariamente por mulheres. Esta reprodução inclui tanto o cuidado diário quanto a criação das futuras gerações de trabalhadores.</p>	<p>Aponta que a crise atual não é apenas uma "crise de assistência" ou de disponibilidade de cuidar de familiares e amigos, mas uma crise generalizada da capacidade reprodutiva do sistema. Esta crise é provocada pelo esgotamento e pela dizimação das funções reprodutivas sociais essenciais.</p> <p>As lutas pela reprodução social incluem movimentos comunitários por moradia, assistência médica, segurança alimentar e uma renda básica incondicional. Além disso, abrangem lutas pelos direitos dos imigrantes, trabalhadores domésticos e funcionários públicos, campanhas de sindicalização em hospitais, creches e asilos, por uma semana de trabalho mais curta, licença maternidade paga e licença parental.</p>
-------------------------------------	----------------	--	-------	---	--

<p>Bhattacharya, T. 2019<sup>17</sup></p>	<p>Ensaio crítico</p>	<p>Discute como as políticas neoliberais e a ideologia correspondente afetam as relações de gênero.</p>	<p>Artigo</p>	<p>O capitalismo, em tempos de crise, reorganiza a reprodução social, reforçando identidades de gênero e recirculando ideologias sobre a família da classe trabalhadora.</p> <p>A teoria da reprodução social é essencial para entender como a sociedade capitalista combina trabalho assalariado e trabalho doméstico não remunerado para manter a si e sua família.</p> <p>A força de trabalho é socialmente reproduzida e isso interessa aos patrões, já que cada capacidade cultural é determinada por uma situação histórica e está aberta para negociação.</p> <p>No neoliberalismo, as dinâmicas de produção (economia formal) podem desestabilizar os processos de reprodução social (esfera privada) e vice-versa.</p> <p>Em certas sociedades, o aumento dos preços dos alimentos ou a privatização de serviços sociais essenciais pode levar a uma crise para as famílias trabalhadoras. As mulheres, que continuam a carregar a maior parte do provisão social no lar, são particularmente afetadas pelas mudanças na dinâmica de provisão social e os limites dos espaços "seguros", moldando assim as relações de gênero.</p>	<p>A alimentação e o alojamento são necessidades elementares da reprodução social, incluindo serviços socializados essenciais como saúde, educação, creches, pensões e transportes públicos</p> <p>A alimentação, água e outros produtos essenciais nas economias domésticas são responsabilidades tradicionalmente atribuídas às mulheres. As mulheres historicamente produziram bens e valores de uso dentro do lar, e em lugares onde os governos não fornecem água devido a cortes de orçamento.,</p> <p>A crise financeira também causou um aumento na violência de gênero e na depressão masculina, especialmente quando homens culturalmente assumem o papel de principal provedor da casa.</p>
---	-----------------------	---	---------------	---	--

Bhattacharya et al, 2021 <sup>18</sup>	Ensaio crítico	Apresentar a trajetória da teoria da reprodução social feminista para estruturar uma análise para lidar com as formas que a reprodução social e a força de trabalho fundamentam processos de acumulação em relações de opressão social.	Artigo	<p>Espaços de produção de valor e de reprodução da força de trabalho podem parecer separados espacialmente, mas estão unidos tanto teoricamente quanto operacionalmente. Essa união evidencia como as relações econômicas de classe se baseiam em hierarquias de gênero, transformando homens e mulheres em sujeitos privilegiados e penalizados, respectivamente.</p> <p>A reprodução pelo capital ameaça essa cadeia geracional, destacando a necessidade de uma política de reprodução social. Apresenta a defesa pela socialização do trabalho doméstico, mas adverte que apenas um sistema socialista priorizará o bem-estar humano sobre o lucro. Outras feministas marxistas que desenvolveram a TRS argumentam que o trabalho reprodutivo social não produz valor no sentido marxista, pois os produtos desse trabalho não circulam no mercado. Exemplos incluem preparar café da manhã em casa, cuidar de crianças ou trabalhar em hospitais públicos. O feminismo da reprodução social deve considerar o racismo e a racialização para fornecer uma estratégia política sólida, reconhecendo como o trabalho reprodutivo social das mulheres é central para sua opressão.</p>	Em sociedades capitalistas, a prestação pública de cuidados de saúde pode desumanizar as mulheres em vez de libertá-las. Durante a pandemia de COVID-19, a importância do trabalho reprodutivo, realizado por enfermeiras, faxineiros, trabalhadores agrícolas e repositores de supermercados teve maior destaque. Já , o trabalho de produzir mercadorias para lucro ficou em segundo plano que destacou a centralidade do trabalho que mantém a capacidade de trabalhar e a da vida. O trabalho deve ser visto de forma ampla, reconhecendo-o como essencial para a produção da vida e dos trabalhadores para o capital.
--	----------------	---	--------	---	--

Bhattacharya, T. 2020 <sup>19</sup>	Ensaio sobre o pensamento de uma autora	Explorar a contribuição de Lise Vogel para o marxismo.	Capítulo de livro	A teoria da reprodução social integra o conceito de gênero nas relações de produção capitalistas. Embora a reprodução da força de trabalho não seja produção propriamente dita, ela é essencial para a produção, pois repõe a força de trabalho necessária.	A reprodução da força de trabalho ocorre de três maneiras principais: -Atividades que regeneram o trabalhador fora do processo de produção, como cuidados no lar e serviços públicos (educação, saúde, transporte). -Substituição geracional, ou seja, o nascimento de novos trabalhadores. -Atividades que mantêm e regeneram não trabalhadores na classe trabalhadora, como crianças e adultos fora do trabalho por velhice, deficiência ou desemprego.
Bhattacharya, T. 2015 <sup>20</sup>	Ensaio crítico	Resgatar ideias marxistas fundamentais sobre a formação de classes que foram invisibilizadas por quatro décadas de neoliberalismo e pelas muitas derrotas da classe trabalhadora global.	Artigo	O objetivo da coerção e dominação no capitalismo é fazer com que o trabalhador produza mais do que o valor de sua força de trabalho. A família, historicamente, tem sido a unidade fundamental para a reprodução da força de trabalho, proporcionando alimentação, abrigo e cuidados necessários para o trabalhador. Esse papel é desproporcionalmente assumido pelas mulheres, sendo uma fonte de opressão para elas. Nas últimas décadas, a destruição do poder da classe trabalhadora e das comunidades proletárias resultou na perda dessa visão da produção e reprodução do trabalho. A acumulação capitalista não é indiferente às categorias sociais de raça, sexualidade ou gênero, mas as organiza para moldar a extração de trabalho excedente.	Os espaços de produção de valor e de reprodução da força de trabalho podem ser separados espacialmente, mas estão unidos teoricamente e operacionalmente. O Estado investe em saúde pública e educação para essa reprodução social, mas dentro de casa esse processo permanece não remunerado.

Bhattacharya, T. 2021 <sup>21</sup>	Ensaio crítico	Usar o filme India's Daughter, que aborda um caso de estupro e assassinato que ocorreu em 2012 em Delhi, para explorar a questão da violência de gênero na Índia neoliberal.	Artigo	Quando o capital enfrenta uma crise de rentabilidade, tenta reorganizar tanto a produção de mercadorias quanto a reprodução social da força de trabalho. Para restaurar a rentabilidade, o capital precisa reformular as identidades de gênero e recircular certas ideologias sobre a família da classe trabalhadora. Isso geralmente resulta em novos modelos de domesticidade para as mulheres, ocultando a transferência de serviços sociais públicos para famílias individuais.	Instituições dominantes recirculam antigas ideias sexistas durante crises para se legitimarem. Na Índia, as novas necessidades do capital ampliaram as oportunidades de educação e mobilidade para a classe trabalhadora, trazendo tanto miséria quanto um aumento na urbanização, prejudicando sobremaneira a situação de saúde a população.
-------------------------------------	----------------	--	--------	---	---

A partir do quadro síntese foi possível organizar os resultados e discussões em 8 dimensões que agrupam os diversos temas tratados nas publicações. São elas: TRS na reprodução da dinâmica capitalista; Trabalho doméstico; Relação de classe e opressão; Capitalismo contemporâneo; Saúde na crise capitalista; Saúde reprodutiva; Saúde e gênero e Reivindicações para a Luta.

### ***TRS na reprodução da dinâmica capitalista***

Praticamente em todas as publicações, para introduzir sua compreensão do cenário mais geral da TRS, a autora aponta a necessidade da venda da força de trabalho não apenas para a obtenção de salário e sim para a manutenção da vida na dinâmica capitalista. Paradoxalmente, a força de trabalho não faz parte somente da produção capitalista, mas também é gerada na esfera da reprodução social<sup>16</sup>. Bhattacharya assinala que a produção econômica capitalista não é autossustentável e depende da reprodução<sup>16</sup>.

As crises do sistema reorganizam a reprodução social reforçando as opressões. Com as privatizações, por exemplo, em virtude da dinâmica enfrentada devido à busca por fonte de lucro, pode também promover crise à classe trabalhadora, principalmente responsabilizando as mulheres

22.

Um ponto importante trabalhado também em suas obras, com destaque para o seu estudo em conjunto com Arruzza<sup>15</sup>, é como o capital possui essa co dependência com as pessoas para organizar a força de trabalho, fazendo com que o sistema tenha essa necessidade de controle das pessoas ao mesmo tempo que necessita delas. A dinâmica capitalista então, para organizar as formas de controle acaba por utilizar de mecanismos para exterminar populações que obstruem a acumulação por meio principalmente do racismo e relações de gênero<sup>15</sup>.

Entende-se que o capitalismo divide-se em três regimes históricos de produção/reprodução, conforme apresenta em sua obra de 2017<sup>16</sup>. Em primeiro lugar, tem-se o Capitalismo Competitivo Liberal (Século XIX). Nele os trabalhadores se reproduzem autonomamente uma vez que a reprodução não era organizada e financiada pelo Estado ou pelos capitalistas, mas sim pelas redes familiares e comunitárias, sem rede de segurança social, onde os contratos eram realizados entre o empregador e o empregado, o que fomentava a competição. Em segundo apresenta-se o Capitalismo Gerenciado pelo Estado (Século XX). Nele o Estado prevê o bem-estar social, mantido pela reivindicação de luta de classes que ao mesmo tempo, para a autora, sustenta o capitalismo por oferecer condições mínimas de manutenção à vida. Em terceiro lugar, na fase

contemporânea, tem-se o Capitalismo Financeiro Globalizado que se caracteriza pelo desinvestimento estatal e mercantilização da reprodução social, que será destrinchado posteriormente na dimensão ‘capitalismo contemporâneo’ dos resultados dessa revisão.

### ***Trabalho doméstico***

O trabalho doméstico é um tema intrínseco às obras sobre a TRS para a autora, sendo visualizado em todas as obras analisadas, uma vez que se configura como uma das formas da reprodução, a manutenção do lar ou dos lares, no caso de trabalho remunerado.

As primeiras teorias que discutiram o trabalho reprodutivo e a opressão das mulheres já traziam o trabalho doméstico como produtor da força de trabalho essencial para o sistema. Aqui, pensamos no trabalho doméstico em duas frentes, ambas frutos de questões raciais e de gênero: o trabalho doméstico remunerado e não remunerado, os dois associados a reprodução do cuidado diário como da busca salarial necessária para manter a si e sua família.

Bhattacharya insiste na ideia de que o trabalho doméstico é um dos exemplos da dependência do capitalismo à estrutura de raça, que escanteia uma parte da população, mantendo baixos os salários e afirmando a desvalorização de corpos e lugares para a desvalorização contínua da reprodução social. Na realidade, de acordo com a autora, escolhe-se quais corpos devem realizar esse trabalho desvalorizado<sup>17</sup>.

Ao se tratar das questões de gênero, ainda temos o papel fundamental que a estrutura “família” possui, apresentado em 6 de suas 8 obras trabalhadas: de 2014<sup>1</sup>, 2015<sup>20</sup>, 2017<sup>16</sup>, 2019<sup>17</sup> de 2020<sup>15</sup> com Arruzza e de 2021<sup>18</sup>. Na argumentação geral, assinala-se que a mulher mantém a família com a oferta de tarefas da reprodução, como o cuidado e a alimentação. A rigor é a mulher que acaba por desempenhar o papel de manter a si e a sua família. A família que o capitalismo estimula se apoia na perspectiva heteronormativa e burguesa, à medida que se reveste em uma unidade confiável e barata para a reprodução da força de trabalho<sup>15</sup>.

As argumentações da autora vêm ao encontro com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2022 do Brasil, que aponta que mulheres dedicam em média 21,3 horas semanais com tarefas domésticas, enquanto homens, 11,7 horas. Além disso, mulheres com ocupação dedicaram, em média 6,8 horas a mais quando comparado aos homens ocupados nos afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas. Essa situação afeta a ocupação das mulheres,

especialmente quando elas ingressam no mundo do trabalho remunerado. Geralmente se ocupam em funções associadas à reprodução da vida, que usualmente apresentam piores condições de contratação, sem registro ou informais<sup>23</sup>. Na maior parte das vezes, esses trabalhos de cuidados são cobertos por mulheres negras, indígenas, pobres, migrantes, periféricas e/ou trans<sup>24</sup>.

Estudo recente como de Garcia<sup>25</sup>, aponta a importância da TRS ao demonstrar um exemplo qualitativo de tais implicações e suas possibilidades. Informa que no México o trabalho não remunerado de classes super exploradas gastam em média 11,9 horas a mais do que famílias não exploradas e 6,3 horas a mais na Colômbia, respectivamente. Nesse contexto, o estudo propõe um modelo matemático para uma outra análise de compreensão do trabalho doméstico não remunerado no nível familiar, sendo essencial para novas discussões e possibilidades de mudanças práticas<sup>25</sup>.

Dados também da PNAD brasileira, ao fazerem o recorte de raça, indicam que as taxas de realização de afazeres domésticos pelas mulheres brancas (90,5%), pretas (92,7%) ou pardas (91,9%) são sempre mais altas que a dos homens dos mesmos grupos de cor ou raça (80,0%, 80,6% e 78,0%, respectivamente)<sup>23</sup>.

### ***Relação de classe e opressão***

Bhattacharya em seu artigo de 2021<sup>21</sup>, defende que em uma sociedade capitalista, não é possível uma organização que liberte as mulheres, mesmo promovendo a socialização do trabalho doméstico. Cita, por exemplo, o pagamento de tarefas ligadas à reprodução como educação e cuidado, como áreas não valorizadas, com baixa remuneração e muita sobrecarga. Essa ideia é apresentada em outras publicações, mas esta destaca inclusive a possibilidade de desumanização das mesmas.

A opressão acaba por impactar de forma mais bruta as classes mais baixas pois para essas, os direitos oferecidos pelo Estado são mais necessários para a manutenção da vida, e recaem de maneiras diferentes entre os gêneros, sendo as mulheres e corpos feminizados os que assumem em sua maioria o trabalho reprodutivo e questões de raça. Também, nos corpos não brancos recaem, com maior peso, a responsabilidade do trabalho reprodutivo<sup>18</sup>. O capitalismo mantém-se oprimindo, pois é uma de suas formas de controle, uma vez que, para sua sobrevivência é necessário perpetuar opressões, evidenciando essa interrelação entre exploração de classe e opressão de gênero e raça.

Em acréscimo a essa situação, Bhattacharya, Farris e Ferguson<sup>18</sup> nos apresentam que existe ainda a desigualdade vivenciada pelas pessoas “Queer”, que fogem do padrão capitalista heteronormativo, essencial também para a sobrevivência do sistema capitalista. Dentro da luta de classes, as desigualdades vivenciadas são outro fenômeno que sugerem lutas diferentes na reprodução social, o que nos faz visualizar que há também uma solidariedade forjada dentro das lutas<sup>20</sup>. Esse quadro acaba por ser uma forma de enfraquecer a classe trabalhadora, promovendo sua própria opressão. Por outro lado, a nossa autora, também, traz que as “tradições”<sup>20</sup> são dispositivos ideológicos que criam uma falsa ideia de unidade, para abafar as divisões de classe existente. Com isso, a ideia de classe em alguns momentos é usada pelo capitalismo como manto para encobrir diferenças, por um lado, e por outro, para gerar atrito entre os trabalhadores, de ambas as formas, garantindo a opressão da classe trabalhadora.

Nesse mesmo caminho, o capitalismo já aniquilou populações de diversas formas, seja por guerras silenciosas ou armamentistas. Ele se reinventa sufocando ainda a saúde de diferentes formas, incluindo manter algumas pessoas em condições de “mortos-vivos”, como apresentado por Mbembe<sup>26</sup>. Trata-se de uma condição discutida pela TRS com necessidade da manutenção da força de trabalho.

Nessa temática, podemos fazer um paralelo a partir da contribuição de Guerra<sup>27</sup> quando aborda a questão da fome, significando uma outra forma de aniquilação da população. Essa autora se refere à fome e à alimentação inadequada como um mecanismo de assassinato invisível<sup>27</sup>. Sem dúvida, isso reveste-se em uma outra forma que o capitalismo impacta na saúde global das populações.

### ***Capitalismo contemporâneo***

Em todas suas publicações, com exceção à dedicada à abordagem especificamente de Lise Vogel<sup>19</sup>, ressalta o impacto do neoliberalismo no tema da reprodução social.

O neoliberalismo reverbera em dinâmicas de produção econômica que podem desestabilizar os processos de reprodução social, sendo o inverso também válido. Desse modo, atinge a vida pública e privada das pessoas, causando, por exemplo, dificuldade para famílias ao restringir recursos de subsistência, deixando outra responsabilidade como individual para as famílias ao invés do provisionamento pelo Estado<sup>1</sup>. Isso ocorre tanto nas práticas de aumento dos preços de bens essenciais, como na privatização de serviços sociais.

Em estudo sobre a saúde dos trabalhadores<sup>28</sup>, que trata das equipes de saúde mental em Centro de Atenção Psicossocial, sintetiza sobre o cuidado prestado como reprodução e como sua precarização gera adoecimentos para os integrantes da equipe. Enfatiza, nesse contexto, dificuldades no manejo clínico e alterações na prestação dos cuidados, que acabam por se tornar desafios para a construção das políticas públicas de saúde .

Bhattacharya<sup>20</sup> complementa que esse conjunto de ideias que compõem o neoliberalismo, reforça a opressão à classe trabalhadora, , através dos mecanismos da opressão racial, sexual e religiosa, enfraquecendo a classe e desestimulando a solidariedade, de forma a apagar a memória de classe em algumas comunidades.

As desigualdades sociais, reforçadas no neoliberalismo, envolvem os principais sentimentos relacionados à depressão e a outros transtornos mentais, como humilhação, inferioridade, percepção de falta de controle sobre o meio e impotência. Estudo de Ludermi<sup>29</sup> percebe ainda que na perspectiva de classe e gênero, as necessidades sociais não são reconhecidas nos serviços de saúde e não se expressam nos diagnósticos formulados.

Em síntese, o neoliberalismo provoca uma série de possibilidades de adoecimento e além disso perpetua uma individualização dos problemas concernentes à saúde mental, não deixando margem para pensar nas questões estruturais da sociedade em que vivemos<sup>30</sup>.

### ***Saúde na crise capitalista***

A qualidade da saúde mental é um dos fatores afetados em uma crise financeira. Bhattacharya destaca em seu livro *Feminismo para os 99%: um manifesto*<sup>1</sup>, o fenômeno da depressão masculina devido ao caráter cultural dos homens assumirem um papel de provedor e as dificuldades de se cumprir esse papel. Isso porque as dificuldades financeiras enfrentadas, com a crise global de 2008 aceleraram essa perda de atribuição do homem.

Essa temática também está em sintonia com Fraser<sup>16</sup>. Essa última autora, ao pensar em uma crise generalizada da capacidade reprodutiva do sistema, argumenta que ficam dizimadas as funções reprodutivas sociais essenciais e não apenas restritas a uma crise assistencial e de cuidados. Por sua vez, a ausência do Estado acaba gerando redes informais como igrejas que fornecem a oportunidade ao cuidado de si, muito mais do que programas governamentais<sup>16</sup>.

O tempo com cuidados infantis tem diminuído no Brasil na proporção que as taxas de natalidade, também, tem caído. Em contrapartida, temos a expectativa de vida aumentando e com ela o tempo para cuidados de idosos. Devemos pensar então, na capacidade reprodutiva do sistema e também no cuidado de saúde de idosos, por exemplo. Vemos uma insuficiência de políticas, programas e serviços públicos (Centros-Dia, Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPI's, cuidados no domicílio) que podem possibilitar os cuidados conforme as necessidades desses idosos. Desse modo, o cuidado (reprodução) merece um debate público, deixando de vê-lo como um problema individual e das famílias para torná-lo uma questão de política pública, ampliando a proteção social aos idosos e seus familiares<sup>31</sup>.

Na mesma perspectiva, Saviani<sup>32</sup> também nos convida a refletir que, do ponto de vista dos interesses dominantes, a crise é vista como um fenômeno de conjuntura, como um desvio que cabe ser contornado. Ao contrário, do ponto de vista dos dominados, a crise é vista como uma manifestação das contradições da estrutura<sup>52</sup>, o que nos conduz a pensar sobre a permanência dos problemas de saúde que o modo de produção capitalista gera.

Um ponto a ser considerado também, é a necessidade por parte das profissões de construir discursos e lutas que percebem a crise como algo estrutural do capitalismo e, portanto, seus efeitos deletérios à saúde passam a ser constantes. A única saída seria se opor a esse modo de produção e reprodução social. Estudo de Pinheiro<sup>33</sup>, por exemplo, aborda que no serviço social há um avanço e amadurecimento teórico em torno das discussões de sexo, raça, sexualidade e classe e de suas lutas em movimentos sociais constituindo-se em uma forma de resistência por parte da classe trabalhadora. Devemos acrescentar que as demais categorias, principalmente as ligadas à reprodução social, como a área da saúde, devem também trilhar maiores esforços na produção de conhecimento.

### ***Saúde reprodutiva***

A reprodução social ocorre nas esferas pública e privada e essa articulação é fundamental para a manutenção da vida do trabalhador, mas quem fica responsável pelos cuidados de pessoas não mais produtivas? Em um de seus trabalhos, Bhattacharya discute como o capital articula os não trabalhadores, principalmente nas atividades de reprodução necessárias para as pessoas aposentadas, desempregadas e da futura mão de obra pensando em um crescimento saudável para as crianças<sup>15</sup>.

A partir dessa problemática, é possível refletir sobre o quanto impacta o cotidiano para organizar tais cuidados, funções de como cuidar da criança, a babá, a pessoa que ajuda a organizar o lar, a empregada doméstica, a pessoa que cuida de idosos ou pessoa adoecida, a cuidadora. Não é à toa que essas funções são desempenhadas por mulheres, sendo na maioria mulheres negras ou imigrantes. Nem sempre a responsabilidade vem de uma profissional, e sim desses cuidados não remunerados na esfera da família, que gera custos mais altos e interfere na saúde física, pela falta de equipamentos para o cuidado de um idoso acamado, por exemplo, exigindo desgastes por falta de ergonomia e desgastes mentais pela sobrecarga. Com isso, vê-se a importância da proximidade das equipes de saúde nesse ambiente, tanto para o cuidador quanto para a pessoa que exige cuidados<sup>34</sup>. Dessa maneira, a saúde por ser vista de modo amplo, incluindo o bem estar social<sup>35</sup>, não escapa das discussões da TRS.

As políticas de Estado influenciam de diversas formas o planejamento reprodutivo, ou a ausência desse, entendendo que as condições necessárias para a decisão de ter filhos estão ligadas a diversos fatores como acesso ao sistema de saúde, educação, segurança pública e segurança de emprego<sup>15</sup>. Essa temática tem sido tratada, também, em outros estudos, como o que aborda a situação das mulheres do Rio de Janeiro<sup>36</sup>. Esse estudo destaca o caminho entre o desejo e a decisão de ter filhos na atualidade, sendo a estabilidade financeira, um aspecto frisado, assim como as demandas do mercado que tomam tempo como a necessidade de capacitações e cursos<sup>38</sup>. Nesse contexto, Bhattacharya, em artigo com Arruzza<sup>15</sup> assinala sobre os cortes de serviços públicos que limitam o acesso de mulheres pobres ao aborto legalizado e ao planejamento reprodutivo.

### ***Saúde e gênero***

Nas três formas principais de reprodução social<sup>19</sup> abordadas anteriormente, recai uma maior responsabilidade para as mulheres, seja nas atividades que regeneram o trabalhador fora do processo de produção, seja na substituição geracional ou ainda nas atividades que mantêm e regeneram não trabalhadores na classe trabalhadora, constituindo-se em formas de sobrecarregá-las.

Sobrecarregar as mulheres prejudica a saúde das mesmas de diversas formas. Isso é perceptível em cuidadoras da saúde no âmbito familiar, bem como também na reprodução remunerada, sendo maioria, por exemplo, como profissionais da área da enfermagem.

A saúde da mulher é afetada uma vez que se limita o tempo de investimentos em cuidados de si, apontado em seu livro<sup>16</sup>. Na realidade cuidar da reprodução da força de trabalho limita o tempo das mulheres, afetando sua inserção no mercado de trabalho e sua possibilidade de geração de renda<sup>16</sup>. Essa situação influencia questões que afetam a saúde mental como a saúde em seus outros aspectos, à medida que as distanciam de questões que demandam tempo, afetando que tenham independência econômica e que possam se dedicar aos estudos, formação e disponibilidade para engajamento social e político, no lazer e na recreação. Resta, assim, um fenômeno de maior pobreza de tempo. Isso se constitui uma explicação do motivo pelo qual as mulheres negras trabalham menos horas por semana em empregos remunerados. Em média, as mulheres negras trabalham 34,3 horas recebendo uma remuneração, enquanto as mulheres brancas trabalham 35,5 horas e os homens 40 horas<sup>24</sup>.

A saúde é afetada também pela sobrecarga mental que ocorre pelo formato capitalista atual que acaba por exigir das mesmas o trabalho de reprodução remunerado ou de produção remunerado, muitas vezes sob condições de salários inferiores do que quando comparado aos salários dos homens. Neste aspecto, deve acrescer o problema da questão racial como mencionado anteriormente.

Na mesma linha, conforme introduzido no tópico “Saúde e reprodução”, Bhattacharya<sup>1</sup> ainda discute o problema da oferta de serviços de saúde relacionados à serviços de planejamento reprodutivo possuir mais inconstâncias do que outros serviços, particularmente quando ele é ofertado pelo Estado, como por exemplo, clínicas de aborto em tempos de crise acabam por ser mais desfinanciadas, à medida que não são legalizados em diversos países, demonstrando como as políticas são determinadas pelo sistema capitalista burguês, branco e heteronormativo<sup>1</sup>.

### ***Reivindicações para a luta***

Bhattacharya, Faris e Ferguson<sup>1</sup> ressaltam a necessidade de uma política de reprodução social, uma vez que ocorre uma ameaça geracional de modo que haja a superação da subjugação da reprodução à produção, recriando atividades reprodutivas com trabalho seguro e bem remunerado, sem sacrificar a proteção social ou a emancipação da mulher.

As autoras argumentam que apenas um sistema socialista é possível priorizar o bem-estar humano sobre o lucro, pois em sociedades capitalistas, as tentativas de socializar o trabalho

doméstico ou uma prestação pública de cuidados de saúde não liberta as mulheres, pelo contrário, como dito anteriormente, pode até mesmo desumaniza-las.

As lutas e movimentos comunitários pela reprodução incluem lutas por diversos direitos, abordadas em todas as obras de Bhattacharya. Destaque é dado à importância da organização de sindicatos como de assistência de saúde, moradia, semana de trabalho mais curta, licença maternidade paga, licença parental, qualidade de creches e asilos, etc<sup>1</sup>. Bhattacharya também ressalta a importância de pensar em uma luta feminista das 99<sup>1</sup> que seja antirracista; anti LGBTfóbica; internacionalista; articulada com discussões de raça e etnia, gênero e classe; ecossocialista e anticapitalista.

Adicionalmente, Aruzza em outro de seus estudos<sup>37</sup> traz uma resposta na teoria queer, embasada na abordagem transformativa de Fraser que questiona a estrutura da qual decorrem as injustiças. Argumenta que medidas como políticas de assistência não são suficientes, e portanto, é preciso transformar, não bastando apenas medidas de injustiças econômicas e culturais. É necessário questionar a estrutura da qual decorrem as injustiças. Diferentemente, é o caso do socialismo, que se fixa como meta a transformação das relações de produção e a superação da divisão em classes; e, no plano cultural, uma desconstrução, de rearticular as relações de reconhecimento, atenuando ou eliminando as diferenciações entre os grupos<sup>37</sup>. A teoria queer pretende, portanto, desconstruir o gênero, do mesmo modo que o socialismo pretende desconstruir a classe, de modo que seja possível de combater ao mesmo tempo a injustiça econômica e a injustiça cultural, e de dar respostas no âmbito da redistribuição e no âmbito do reconhecimento<sup>37</sup>.

No Brasil, movido pela lógica de austeridade ultraneoliberal, que privilegia uma parcela mínima da população que é sanguessuga do fundo público, o orçamento público expressa uma correlação de forças entre as classes sendo a luta política a saída para essa condição ser revertida<sup>38</sup>

Para complementar, entendemos ser importante a ideia na escolha de estímulo à políticas públicas direcionadas à educação que deve ser a principal via escolhida para atacar de frente todos esses problemas e também investir mais em áreas necessitadas, como saúde, segurança, estradas, desemprego, pobreza, etc<sup>32</sup>. Na realidade, é a partir de uma educação crítica que se pode fortalecer estudos e criar ações para a superação do modelo de sistema capitalista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da TRS permite visualizar as complexidades de intersecções entre gênero, classe e raça. Apontar e discutir o que Bhattacharya nos aporta para o pensar a saúde na perspectiva da TRS se mostra indispensável uma vez que analisa as categorias produção de bens e reprodução da vida. Desse modo, compreende a saúde como uma necessidade da manutenção da classe trabalhadora e como a oferta de serviços de saúde influencia essa manutenção de sobrevivência. Podemos dizer que a saúde também é uma ferramenta que pode ser oferecida mais em alguns momentos para garantir a força de trabalho funcional e em outros sua restrição pode ser usada para sustentar as desigualdades necessárias ao capital, sempre com um recorte de raça e gênero.

Ao pensarmos do ponto de vista dos profissionais de saúde, o pensamento de Bhattacharya é fundamental, pensando-se com a visão dos determinantes sociais em saúde, em modos de oferecer um cuidado com equidade e também pelo que devemos aportar para a luta contra o capital, que distorce as necessidades de saúde.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 Arruzza C, Bhattacharya T, Fraser N. Feminismo para os 99%: um manifesto. 1st ed. São Paulo: Boitempo; 2019.

2 Silva LM. Trabalho de Enfermagem como serviço: comentários esparsos de caráter geral e fatos relevantes de caráter particular. In: Mendes A, Souza H, editors. Trabalho e Saúde no Capitalismo Contemporâneo. Rio de Janeiro: Editora Doc Saberes; 2016. p. 63-85. Capítulo 3.

3 Marx K. O capital: crítica da economia política. Livro I, Volume I. Seção II, Capítulo 4. 3ª ed. São Paulo: Boitempo; 2023.

4 Saffioti H. A mulher na sociedade de classe: mito e realidade. Petrópolis: Vozes; 1976.

5 Rebelo F. O feminismo de volta nos trilhos. Rev Estud Fem [Internet]. 2021;29(2). Available from: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n271823>. Accessed on: 2023 Nov 1.

6 Góis T. Teoria da reprodução social e movimentos sociais: imbricando gênero, raça e classe para revalorizar as lutas sociais no campo da reprodução. In: Anais do Colóquio Marx e o Marxismo 2021: O futuro exterminado? Crise ecológica e reação anticapitalista; 2021 Aug; Niterói, Brasil. Niterói: Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx); 2021. p. 3. ISBN: 978-65-00-29082-0.

- 7 Bhattacharya T. Cómo no pasar de la clase: reproducción social del trabajo y clase obrera global. VientoSur. 2018 Feb 17. Available from: <https://vientosur.info/reproduccion-social-del-trabajo-y-clase-obrera-global/#sdfootnote13sym>. Accessed on: 2023 Nov 1.
- 8 Gonzalez L, Hasenbalg C. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero; 1982.
- 9 Gonzalez L. União dos coletivos Pan-africanistas. Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras. São Paulo: UCPA Editora; 2018.
- 10 Ramos JS. Mulheres negras: projetos de vida [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2015.
- 11 Pontes CB, Carnut LO. O trabalho não-remunerado diante da teoria da reprodução social durante o período da COVID-19 – notas preliminares de uma revisão crítica. J Manag Prim Health Care. 2023;15. Available from: <https://doi.org/10.14295/jmphc.v15.1321>. Accessed on: 2023 Nov 1.
- 12 Vogel L. Marxism and the oppression of women: toward a unitary theory. Chicago: Haymarket Books; 2013 [1983].
- 13 Hirata H. O cuidado: teorias e práticas. São Paulo: Boitempo; 2022.
- 14 Bhattacharya T. The sentinels of culture: class, education, and the colonial intellectual in Bengal (1848-85). India: Oxford University Press; 2005.
- 15 Arruzza C, Bhattacharya T. Teoria da reprodução social: elementos fundamentais para um feminismo marxista. Contemporânea. 2020 May-Aug;13(2):619-651. DOI: 10.14244/contemp.v13i2.1258. Translation: Carduz Rocha C, Saraiva C.
- 16 Bhattacharya T, editor. Teoria da reprodução social: remapear a classe, recentralizar a opressão. Translated by Penna J. São Paulo: Editora Elefante; 2017. 344 p. ISBN: 978-65-87235-94-3.
- 17 Bhattacharya T. Explicando a violência de gênero no neoliberalismo. Marx e o Marxismo. 2019;7(12). DOI: 10.62782/2318-9657.2019.319. Translation: Viríssimo L.
- 18 Bhattacharya T, Farris SR, Ferguson S. Social reproduction feminisms. In: Skeggs B, Bromberg S, Toscano A, Farris S, editors. The SAGE handbook of Marxism. London: SAGE Publications Ltd; 2021. p. 13-37. 1505 p. ISBN: 9781526455741. Available from:

<http://digital.casalini.it/9781526455741>. Accessed on: 2023 Oct 24. DOI: 10.62782/2318-9657.2019.319.

19 Bhattacharya T. Lise Vogel (1938–) and social reproduction theory. In: Kouvélakis S, Pittaway M, editors. Routledge handbook of Marxism and post-Marxism. 1st ed. London: Routledge; 2020. p. 8. eBook ISBN: 9781315149608..

20 Bhattacharya T. How not to skip class: social reproduction of labor and the global working class [Internet]. Viewpoint Magazine. 2015 [cited 2023 Nov 22]. Available from: <https://viewpointmag.com/2015/10/31/how-not-to-skip-class-social-reproduction-of-labor-and-the-global-working-class/>

21 Bhattacharya T. India's daughter [Internet]. International Socialist Review. Available from: <https://isreview.org/issue/97/indias-daughter/index.html> [cited 2023 Nov 22].

22 Leite M. O trabalho de cuidado e a reprodução social: entre o amor, o abuso e a precariedade. Contemporânea – Rev Sociol UFSCar. 2023;13(1):11-32.

23 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD: microdados. Rio de Janeiro: IBGE; 2022.

24 Oliveira M. Relações entre a COVID-19, sexismo e racismo no Brasil: uma análise da economia feminista. Praia Vermelha. 2021;32(1):5-23.

25 Garcia CAD. Unpaid housework and super-exploitation of labor: a suggested model and empirical evidence from Mexico and Colombia. Rev Soc Econ. 2021. DOI: 10.1080/00346764.2021.1950820.

26 Mbembe A. Necropolítica. 3rd ed. São Paulo: n-1 edições; 2018. 80 p.

27 Guerra LDS. Cap. 6: O capitalismo também mata pela boca: alimentação e crítica marxista – a tríade alimento-mercadoria-doença no cenário (trans)pandêmico. In: Mendes Á, Carnut L, editors. Economia política da saúde: uma crítica marxista contemporânea. 1st ed. São Paulo: Hucitec; [2022]. p. [290].

- 28 Barros ACF de, Bernardo MH. A lógica neoliberal na saúde pública e suas repercussões para a saúde mental de trabalhadores de CAPS. *Rev Psicol UNESP* [Internet]. 2017 Jun 1 [cited 2024 Jul 21];16(1):60–74. Available from: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-90442017000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442017000100005&lng=pt&nrm=iso)
- 29 Ludermir AB. Desigualdades de classe e gênero e saúde mental nas cidades. *Physis* [Internet]. 2008 Sep;18(3):451–67. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312008000300005>
- 30 Coelho L, Neves T. Sofrimento psíquico no neoliberalismo e a dimensão política do diagnóstico em saúde mental. *Saúde Soc* [Internet]. 2023;32(3). Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023220850pt>
- 31 Muller EF, Moser L. Trabalho de cuidado de idosos, reprodução social e desigualdades de gênero. *Rev Soc Debate (Pelotas)*. 2021 maio-ago;27(2):109-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.47208/sd.v27i2.2874>. ISSN: 2317-0204.
- 32 Saviani, D. O papel do pedagogo como articulador do trabalho pedagógico na sociedade do capital [Internet]. Palestra apresentada na UENP; 2012 Mar 8; Cornélio Procópio, Brasil.
- 33 Pinheiro LS. O serviço social em face da onda conservadora: o fortalecimento do debate feminista, de raça e sexualidade na categoria profissional. In: Agapito APF, et al., orgs. *Questões contemporâneas e o serviço social em tempos de crise estrutural do capital*. Maceió: Coletivo Veredas; 2020. p. 217.
- 34 Camargo RCVF. Implicações na saúde mental de cuidadores de idosos: uma necessidade urgente de apoio formal. *SMAD Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog (Ed. port.)*. 2010 Aug;6(2):231-54. Available from: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-69762010000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762010000200002&lng=pt&nrm=iso). Accessed 2024 Jul 21.
- 35 Organização Mundial da Saúde (OMS). *Constituição*. Genebra: OMS; 1948.
- 36 Bernardi D, Feres-Carneiro T, Magalhães AS. Entre o desejo e a decisão: a escolha por ter filhos na atualidade. *Contextos Clínic*. 2018 Aug;11(2):161-73. Available from: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822018000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822018000200003&lng=pt&nrm=iso). Accessed 2024 Jul 22. DOI: 10.4013/ctc.2018.112.02.

37 Arruzza, C. Rumo a uma "União queer" de marxismo e feminismo? *Lutas Sociais*. 2011;27:159-71. Available from: <https://www4.pucsp.br/neils/downloads/14-cinzia-aruzza.pdf>

38 Behring ER. Fundo público e ajuste fiscal permanente no capitalismo contemporâneo em crise: impactos para o financiamento da saúde. In: Mendes Á, Carnut L, editors. *Economia política da saúde: uma crítica marxista contemporânea*. 1st ed. São Paulo: Hucitec; 2020. p. [290].